

O Chronista.



INTERIOR.

CHRONICA ADMINISTRATIVA.

Dos numeros do *Correio* que temos à vista apenas notaremos o decreto que concede demissão ao snr. M. da F. Lima do cargo de ministro do imperio, e o officio que lhe foi dirigido partecipando-lhe que o exm.^o Regente aceitara a demissão dada. O decreto se acha transcripto abaixo, o officio é o mais honroso que por ventura se tenha lavrado em tais circunstancias; n'elle se declara que o ex-ministro prehencet as funcções do seu cargo com o zelo, lealdade e patriotismo que o distinguem. Seus actos ahi estão, e por elles conhacerá o publico da justiça do referido officio.

Gosam socego as provincias de Goyaz e Minas.

O Regente, em Nome do Imperador o Senhor D. Pedro Segundo, Attendendo ao que Lhe representou o Coronel Manoel da Fonseca Lima e Silva, Ha por bem accitar-lhe a demissão do Cargo de Ministro e Secretario d'Estado dos Negocios do Imperio, Louvando e Agradecendo os bons serviços que

prestrou no exercicio do mesmo Cargo.

Palacio do Rio de Janeiro em vinte e quatro de Abril de mil oitocentos e trinta e sete, decimo sexto da Independencia e do Imperio.— Diogo Antonio Feijó.—*Antonio Paulino Limpio de Abreo.*

(Correio Official.)

— Si o governo ainda nos não incomodou com accusações e denuncias, porque tem o CHRONISTA tantas apprehensões contra o decreto de 18 de março? Esta pergunta nos faz o *Correio*, e perdoe que lhe digamos, que semelhante pergunta é a do egoísta que só se importa com o que lhe diz respeito, sem curar dos males que pesam sobre os outros. E' verdade que ainda não somos accusados, mas por isso devemos impassíveis ver o golpe que se deu na liberdade de exprimir o pensamento com o decreto de 18 de março? As vezes o *Correio* escreve o que não pensa.

— Demitiu-se finalmente o snr. Lima, ex-ministro da guerra e do imperio. Acima acharão os nossos leitores o decreto de demissão, e julgamos que todos pensarão commosco que

cobertas de roupa, e eu observava de longe o effeito óptico que faria a reunião de diversas cores. Jantei, ou antes engoli o meu jantar, e ainda não havia fixado minha escolha. Era mister decidir-me, a noite se aproximava, e o meu bom gosto hesitava entre a casaca e a sobre-casaca, entre a calça branca e a preta, e ainda agora estaria por decidir-me si me não lembrasse d'um casamento que vi lá na minha terra, e por comparação escolhi o que devia vestir. Esquecia-me dizer que muitas vezes folheei o *Manual do bom tom* sem poder n'ele encontrar o que queria, porque quando eu desejava saber que calça ou colete se deve vestir ou calçar para ir a um baile, elle me fallava em trinchar galinhas, perdizes, &c.; — e quando eu queria saber como se deve tomar chá nas sociedades de bom tom, elle me fallava de gravata á *Napoleão*, *Lafayette* e quantos outros diabos rugaram lá por França.

E' noite, e acendem-se velas, e vou de novo barbear-me, porém com tanta infelicidade, que com os restos de cabello que havia fio-se-me tambem parte da pelle, — mas são esses os precalços do petit-maitre de bom gosto. Sem duvida escusas os pormenores do que se passou até que me principiasse a vestir, nem eu tenho vontade de contal-os.

Descreverei agora a maneira porque me vesti para ir a este maldito baile. De todas as camisas engomadas que tinha, que

se deve louvar a resolução firme e decisiva de deixar a pasta e o ministerio. O ministerio do snr. Lima já é uma recordação histórica. Prasa aos ceos que no seguinte numero outro tanto possamos diser dos maiores ministros!

— Falla-se em uma modificação ministerial. Dissem por ahi que os snrs. Castro e Silva e Gustavo serão demitidos, e que substituirá ao snr. Gustavo o snr. de Moutezuma. Assim se irá verificando o que dissemos em outro numero: o ministerio se demitirá, e as camaras não terão quem responda pelos actos bons ou maus que se hajam praticado. E' este o melhor meio de impedir que o poder legislativo fiscalise os actos da administração.

— Amanhã toma posse da presidencia do Rio de Janeiro, como seu vice-presidente, o snr. dr. Vaz Vieira, por ter o exm.^o snr. Paulino de tomar assento na camara dos deputados. Recomendejamos ao snr. dr. Vaz Vieira muita prudencia na administração da província, e que se não deslise do caminho da probidade que até aqui tem trilhado. Siga os passos dos snrs. Torres e Paulino e sua administração não terá detractores.

— Apressemos-nos e desmentir a notícia que se derá n'esta corte da morte do snr. deputado Alves Machado. Certificam-nos que mesmo em S. Paulo correra como verdadeira esta notícia, e até nos asseguraram que se fizeram exequias pela alma do snr. Alves Machado.

— As noticias do Rio Grande que ultimamente publicou o *Pharol do Imperio*, e que são em parte confirmadas por uma carta que

eram poucas, julguei que a mais apropriada era uma bordada com renda na abertura; — é a mesma que visto quando faço alguma visita de mais ceremonia. Calcei uma calça branca bem engomada; puz ao pescoço um lenço de seda pintado, vesti o meu colete côr de flor de alecrim com listas rôxas, e depois minha casaca azul de botões amarellos, golla estreita, comprida e torta como a folha d'uma espada de passeio, em fina casaca dos domingos, dos dias de aniversários, baptizados, &c., &c. — Oh! esquecia-me dos pés; bonitas meias brancas pintadas de azul, e sapatos grossos que eram os únicos que tinha na occasião. Depois de pronto e vestido escovei o cabello, — que é do bom tom, — metti na algibeira o relógio, tendo pendente grossa corrente de ouro, que finda em dous grandes sinetes e chave também de ouro, puz o meu chapéu branco, tomei a bengalinha e sahi. Ah! como eu estava bonito! Uma velha minha vizinha cuja approvação eu desejava, quando assim me viu disse trez vezes. — *Figa! não te botem quebranto!*

Eucaminhei-me para a casa do baile: — antes eu a achasse arrasada e em baixo de suas ruinas todos esses barbicas, que zombaram de mim. Cheguei á rua em que ella está situada, e no principio da rua já eu ouvia una bulha capaz de ensurdecer um pobre christão. Embiquei a porta, e ahi en-

APPENDICE.

FUT AO BAILE.

Quis talia fundo temporet a lacrymis?

VIRG.

Que horror!

Aquelles de meus leitores que se presam de ter coração sensível preparem-se para prantearem a minha desgraça, — que desgraça é ir um homem a um baile: — aquelles que de tudo escarnecem, que ridicularisam tudo, preparem-se para dar gargalhadas á minha custa, — que nada é mais ridículo do que ir a gente ao baile, quando pode estar em sua cama dormindo a sonno solto. Fui ao baile. Não direi aqui quem me convidou, nem tão pouco em qual dos muitos bailes d'esta côte fiz a minha entrada no mundo do bom tom: apenaas vos contarei, amigo leitor, o que se passou n'esse dia de mau agouro e que certo entrará na lista dos dias nefastos de minha vida. Ainda eu não havia almoçado quando principiei a preparar a roupa com que me devia vestir para ir ao baile, e como me haviam dito que o grande tom exigia que se fise-se a barba de manhã para tornal-a a faser á noite, logo depois de almoço me sentei ao espelho, armei-me de navalha e os pobres queixos me pagaram a mania do *petit-maitrismo*. Estava a barba feita, as cadeiras estavam

temos á vista, escripta d'aquelle provincia, são assustadoras.

Não garantimos nem uma d'essas noticias, mas pedimos ao governo haja de tomar-as na devida consideração: despreze o systema das contemplações e salve a província.

A REALEZA.

Não tenho a pretenção de sustentar uma these sentimental sobre a legitimidade. Sei que cada epocha tem seu espírito e suas necessidades; conheço as transformações sociaes que a cada paiz impõe o tempo. E' possível que a legitimidade desapareça com a hereditariedade de raça, com a potencia da antiguidade. A unica cousa que aqui estabeleço é que sob o imperio da actual sociedade, nas relações com as soberanias europeas, o principio da legitimidade é força e ao mesmo tempo facilidade de governo.

Vivemos em uma epocha de duvidas; todos os poderes passam por exame, indaga-se a origem de tudo; assim um principio incontestavel, uma autoridade inquestionavel é uma verdadeira protecção dada a ordem.

Duas theorias disputam dominar a sociedade humana há trez seculos: — a fé e o exame, a obediencia e a duvida. E' possível que o protestantismo politico suceda à fé monarchica, e então a legitimidade não passará de vãa recordação: — apenas virá uma fraca compaixão historica levantando suas cinzas.

Até então por onde se poder manter a legitimidade, ella imprimirá sua força e sua energia em todos os poderes da sociedade; com sua egide cobrirá os corpos constituidos, sob qualquer título que seja e até mesmo a familia que tem tambem seu prestigio e seu dogma de legitimidade.

Há um grande poder em toda a ordem política quando há uma autoridade soberana

que domina o edificio constitucional. Releva que os povos tenham sua religião, e que haja um poder cuja origem se perca nas velhas instituições da patria.

Não é isto uma simples e pura theoria, é uma força practica applicável aos mais pequenos actos da administração. Sera uma desgraça? será um preconceito? — Embora; menos respeitada é sem duvida a autoridade que todos julgam ter creado. Nas commoções populares é facil sofrer denominações improvvisadas com a circunstancia, deixar-se impôr qualificações antipathicas, chamar ao poder realeza cidadã, a melhor das republicas, mas tudo isto é accidental. A realeza está acima dos cidadãos e não marcha a par d'elles; ella não é civica; não deve ser republicana, como não é catholica ou pontificia: — a realeza existe por si mesmo; pôde ter sua origem no dardo do soldado, na uncão santa, ou na deliberação constitucional dos corpos politicos, porém cedo ou tarde ella deve procurar perpetuar-se pela hereditariedade; tal é seu fim e seu destino. Só assim é ella irresponsável, porque nem um poder a pôde destruir. Sem duvida tem a realeza limites, mas não tem existencia precaria; não está exposta a deploraveis ataques: respeitam-a, e não se fraternisam com ella. Minha opinião histórica é que a Restauração não teria preenchido seu fim si não tivesse por si a legitimidade: foi o que salvou o paiz.

A Restauração teve de tractar com a Europa; e em quanto o espírito das revoluções não tiver ceifado as velhas dynastias, que ainda dirigem seus destinos, a realeza legitima achará necessariamente n'estes soberanos mais confiança. A legitimidade deu causa ás transações de 1818 em Aix-la-Chapelle, querro disser, livrou o territorio da ocupação estrangeira; pôde responder pela paz do paiz; pôde dar sua palavra, que foi acreditada.

Cumpre que haja sympathy de principios, para que exista completamente mutua con-

fiança. Quando todas as realezas se derivam d'uma origem commun, elles se conhecem e prestam apoio mutuo. Não sem motivo se chamou *família de reis* a esta vasta reuniao de cabeças coroadas que há seculos tem o hábito de tractar entre si; indubitablemente podem elles desapparecer todas em um naufrágio commun, mas sua coexistencia é uma mutua garantia, dá immensa facilidade aos negocios publicos. Creio que os honrosos e patrioticos esforços que se fiscram para alcançar o desarmamento da Europa teriam feito sucesso, si todos os reis tivessem igualmente sobre sua cabeça essa aureola de antiguidade, essa sancção dos seculos, que fasia diser ao mesmo Napoleão, que instituiu tantas realezas, algumas das quais lhe sobreviveram: — "Não ser eu meu neto!"

Reconheço os eminentes serviços do princípio que nos governa; mas que ninguem reconheço também os immensos socorros que há prestado á ordem e á paz da Europa. Os soberanos o sabem muito bem. Quando a historia imparcial narrar esta carreira de desenvelados trabalhos e serviços da nova realeza, dirá que os conhecimentos praticos do rei dos Francezes, a habilidade de sua administração, a intelligencia das cousas e dos homens muito tem cooperado para o repouso do mundo e força do poder. Mas isto é o apanágio do rei e não o de sua realeza; não é a instituição, mas o homem; não é a coroa mais o principe; — resultado glorioso ao reinado em face da posteridade immensa que acalma as paixões, e amortece os odios de partido.

A monarchia de 1830 não tem força senão em si mesma; não tem apoio senão na confiança que o monarca inspira: — si ella resistir ás tempestades, Luiz Philippe a terá salvado, e brillante será o papel que representará.

Sei que marcho em um circulo de fogo. Como historiador digo quaes são minhas impressões, ainda que as facções me accusem

contrei um sujeito, — figurinha insignificante, com a roupa pregada no corpo, e cá com os meus botões tive que era algum criado da sociedade bairiana, — pouco caso fiz d'elle e quiz entrar quando me foi impedita a passagem pelo tal judeu: mostrei-lhe o bilhete que me havia dado o meu amigo, e poz-se a lér, como quem soletra, e de vez em quando desviava os olhos do bilhete e media-me de alto á baixo. Si eu não fosse algum tanto prudente, certo havia desordenado. Depois d'um bom quarto d' hora me disse elle, como duvidando:

— Vm. é o senhor F.?

— Sim senhor.

— Um dos redactores do CHRONISTA?

— E' verdade, disse eu pondo-me no bico dos pés e algum tanto enfatizado por me conhecêrem por esta qualidate.

— Pode entrar.

— Pensei que me queria impedir a entrada... resmunguei, e fui subindo a escada, não sem reparar que o tal sujeito ainda me acompanhava com a vista.

Entrei para a salle com meu chapéu debaixo do braço, e a bengalinha na mão. Immediatamente cessou a bulha, uns cochichavam ao ouvido de outros, houveram risos suffocados, e todos pregaram os olhos na minha pessoa. Pensei que esta mudança era originada por algum dito galante, ou acontecimento que excitasse aquelle movimento: — todavia, como

não gosto que olhem para mim com muita atenção, subiu-me ao rosto fogosa vermelhidão, e com os olhos procurei onde estaria o meu amigo invitante. Estava em um canto conversando com alguns sujeitos, que eu não conhecia, e para que lá chogasse era-me necessário atravessar a salle; assim o fiz, e os risos continuaram. O meu amigo logo que me viu retirou-se precipitadamente do circulo em que estava, e aproveitando-se d'uma porta que estava proxima desapareceu por ella. Fiquei com cara d'asno no meio da salle, e indeciso si devia prosseguir ou retroceder: os risos suffocados foram substituídos por algumas gargalhadas, e então conheci que minha posição no meio da salle era o motivo d'ellas. Em que terrível posição estava eu!

A hilaridade, por felicidade minha, cessou por se baterem palmas na salle. Alguns jovens vestidos por forma singular e burlesca, e com cabelleras se levantaram, e todos se poseram em movimento abandonando repentinamente o objecto que os tinha tanto alegrado. Assim é o genero humano, qualquer cousa por insignificante que seja o distrahe do maior prazer ou da mais pungente dor! Cada um dos taes amigos se foi ter com uma das senhoras que estavam na salle e vieram para o meio da casa: as cordas da rebeca soaram com trez arcadas que deu um rebequista, e eu aproveitando o general movimento me fui escondendo por entre elles, e cheguei-me para uma janella que me fi-

cava defronte, e estava solitaria.

Depois de algum tempo, já servia a dança, recobrei animo, e reparei que ainda estava de chapéu na mão e bengalinha, o que não via na casa. Tive tempo de ir guardal-os, e voltei ao meu posto, d'onde á vontade vi dançar rapazes e raparigas. Mas que dançar morno e monotono! Não haviam pulos, nem sapateados, todos arrastavam os pés em ar de desdem, e a isto chamam dançar á Franceza! O' danças de minha terra! quanto ficaes a perder de vista!

Acabou a contrada, todos voltaram a seus lugares; algum silencio reinou na salle, mas foi momentaneo. Alguns homens deram o braço a senhoras e principiaram a passear pela casa, e quando passavam por defronte de mim, olhavam para o meu lado e riam-se. Não me parece bom o tal uso do passeio, e as rashes ficam ca guardadas no peito, — ou antes no tinteiro. D'um lado da salle se reuniram algumas *madamas* que assim se chamam as senhoras nos bailes, conversavam entre si e olhavam de vez em quando para mim; como pensei que a conversação versava sobre a minha pessoa dei toda a atenção aos movimentos que fásiam; vi uma fallar com entusiasmo, as outras riram-se e chamaram um *cavalleiro*, tambem é termo usado em taes casas. O tal rapasola depois de ter acudido ao chamado, olhou para mim fez com a cabeça um signal afirmativo, desfarcou, e d'ahi a pouco, eil-o comigo:

de lisonja, ou a lei me ameace com alguma pena por haver reconhecido o mérito d'um principio velho, respeitando o direito de quem ainda vejo nascente e fraco.

(Por um homem de Estado. Tradusido.)

PUBLICAÇÕES NOVAS.

Reapareceu o jornal francês — *Le Nouvelliste*. — Seu redactor é já conhecido do público; os 35 primeiros números de seu jornal mostraram quanto era a pena que os escrevia, e nós nos congratulamos com o público d'esta capital com a reaparição do *Nouvelliste*.

Este jornal tende a dous fins, segundo a expressão de seu redactor — á scienzia política, em primeiro lugar, expondo os meios praticos que reclamam as necessidades positivas de nossa epocha, propondo ou combattendo os projectos cuja execução produz bens ou males sociaes; em segundo lugar se dirige á philosophia, seguindo o movimento da moral, das sciencias, do commercio e da industria. — Longo é seu duvida o estadio que tem de percorrer o *Nouvelliste*, illimitado é o campo que tem de cultivar: nós lhe desejamos prosperidade para que possa cumprir suas promessas.

Viu a luz publica um jornal com o nome de *Guaycurú*. Parece que seu principal fim é desenvolver a magestosa idea de elevar-se já ao trono o Senhor D. Pedro II, concedendo-se-lhe suplemento de idade. Não sabemos que antipathia tem o *Correio* com esta idéa, parece que lhe não agrada, e por isso tracta de ridicularizar os que a propalam e discutem. Em nosso fraco entender julgamos que é ella objecto de decente e util discussão, a que se não devia negar o *Correio Official*. Os que sustentam a idéa de elevar já ao trono o Senhor D. Pedro II fundam-se, si bem temos entendido seus escriptos, nos perigos que re-

sultam dos interregnos, lançam as vistas pelo Brazil inteiro, e dão como causa de seus males a falta de estabilidade em todas as instituições, principiando pela instabilidade da autoridade, d'onde procede a falta de respeito que se lhe tem, e d'ahi um germen de imoralidade pública, e tudo isso attribuem ao interregno. Ao *Correio* como mais ao facto dos acontecimentos, tendo em sua mão, ou ao menos facilidade de colligir documentos que a elles deram lugar, cumpre mostrar que a outras causas que não ao interregno se devem atribuir os males que pesam sobre o Brazil, ou ao menos mostrar que com a maioridade nem um obstáculo se oppõe a esses mesmos males. Melhor será sem dúvida que o *Correio* discuta a questão, do que ridicularise em seus escriptos a maioridade de S. M. I. Não evite o *Correio* a discussão, deixe de lançar baldões aos escriptores da oposição, que com isso ninguém a recebe instrucção, que sua habil penna deve ao público, e antes se vão irritando os animos.

Fei anunciado para o dia 2 de maio, o *Jornal dos Debates políticos e literários*, que será escripto pelo sur. Francisco de Sales Torres Homem. Nada podemos aventurar sobre o novo jornal, mas o sur. Salles já é conhecido do público do Rio de Janeiro, seus talentos são reconhecidos, e utilidade provirá certamente d'esta nova publicação, seja qual for o sentido em que escrever o sur. Salles.

Anunciou-se tambem a publicação do *Jornal do Império*, que se ocupará com as sessões do senado. Desejamos ardenteamente que a camara dos deputados imite o senado, e institua tambem algum jornal que dê á população brasileira uma idéa do que fazem os seus representantes.

MAIS UM FACTO PARA A BIOGRAPHIA DO SNR. ALENCAR.

Tendo sido absolvido na capital da provin-

cia do Ceará Francisco da Costa dos Anjos, que se achava indicado por crime de morte, foi preso por ordem do governo da província logo que desceu as escadas da casa em que estava reunido o jury. Este Francisco da Costa dos Anjos requer ao presidente que o mande soltar, pede-lhe que tenha compaixão de sua desgraçada família, que havia tanto tempo estava privada dos seus serviços, e tem por despacho, o seguinte: — O supplicante está preso para ir para o Pará onde pode matar gente á sua vontade. Palacio do governo no Ceará 8 de agosto de 1836. — Alencar.

Não sabemos com que se deve comparar este celebre despacho do presidente do Ceará. Estamos no mundo e em tudo devemos acreditar. Quando nos contaram este facto, supossemos que zombavam de nós e nos tinham por sumamente credulos, mas força foi convencermos logo que nos mostraram o requerimento com o despacho do proprio povo do sur. Alencar.

Quantas vezes se tem dito aqui que o snr. Alencar não pôde fuser a felicidade da província que lhe foi confiada? quantas vezes se tem dito que nem sempre o silencio e quietação dos povos indica seu contentamento, e que muitas vezes se deve attribuir á opressão e tyrannia. Desgraçados Cearense! lembra-vos da constitucionalidade do exmº Regente, e si o presidente Alencar ainda não foi demitido é porque há entre a administração e o exmº snr. Feijó um ante-mural, que obsta que lhe chegue a verdade. Tremo porém o snr. Alencar, si o exmº Regente do Império tiver noticia de suas arbitrariedades!

A celebre representação do Gongo-socco.

Na sessão de 21 de março discutiu-se na assembléa provincial o projecto de representação a Assembléa Geral á fin de que

Bem via eu que muitos outros homens haviam na salla, mas pensei que se tinham esquivado, e por bom tom não quiz negar-me a este obsequio. Demais, eu queria mostrar a estes passeadores como é que se dançava.

Sahi do meu canto, e novos risos suffocados. A exmº com quem devia dançar era a filha d'um meu vizinho, pobre homem que vivia de seu officio, e nunca teve titulos á excellencia; mas o bom tom desculpava este tratamento.

— *Pantalon!* gritou um sujeito; e a musica tocou uma contradança. — Sem luvas! disse a senhora com quem eu dançava, olhando para mim como espantada, e recusou dar-me a mão....

Não sei, ao primeiro pullo que dei, a salla retumbou com um murmurio surdo, mas ouviam-se distintamente — *abas da caçaca*, — *correntes de campainha*, e em verdade, aqui para nós, as minhas correntes e sinetes faziam um retinido tão forte que se parecia com o som de vinte cascavéis juntos. Desconcertei-me, e ao segundo pullo, meti um pé pela barra do vestido do exmº meu par; querendo obviar este desmancho atirei-me para diante e fui justamente pisar com todo o peso do corpo o pé d'uma dama. Em conjunctura tão extravagante, com um pé prezo á barra do vestido do exmº par, com o outro sobre o pé da bella dama que me ficava *vis-à-vis*, fiz um movimento, perdi o equilibrio e certo

iria ao chão si me não agarrasse ás gadelhas d'um gamenho que estava perto de mim. Então conheci que não eram cabelleiras, mas penteados a Sansão.

O barulho cresceu em um momento;

a dança e jogo parou imediatamente: uns riam-se, o meu par lamentava seu vestido novo, que o *selvagem*, — assim me chamou! — havia espedaçado: a dama de *vis-à-vis* chorava com dores nos callos, e o gamenho ocupava-se em pentejar o cabello que eu havia desarranjado, tendo tirado da algibeira um espelhinho e uma escova.

Eu.... eu ainda tinha na mão um masso de cabellos e aproveitando a geral confusão fui-me despedindo sem diser cousa alguma, e com tanta pressa que em vez de trazer o meu chapéu, achei-me em casa com uma cousta que nem uma semelhança tem com chapéu, antes parece pasta de papeis. Por minha desgraça perdi á miúha, bella bengalinha!

Cheguei a casa enraivecido, mas depois que me passou o acesso de cólera, dei rasão aos bailarinos, porque certo eu era uma ex-crescência de mau gosto n'aquelle planicie de bom tom, e podia-me bem comparar com uma verruga negra e cabelluda no rosto d'alguma dama clara e rosada. Jurei nuna mais ir a bailes, e desde já tenho por inimigo o desgraçado que me convidar para tão insípidos brinquedos.

N. S.

— Está uma bonita noite.

— E' verdade.

— O sur. — (que agora ninguem mais diz Vm.) O sur. gosta dos bailes pelo que vejo.

— Alguma cousa: e tenho verdadeiro per-
sar de ter uma vida tão laboriosa, porque a não ser assim eu não perderia nem um só.

— Então já sei que dança.

— Nada, não gosto d'esse exercicio.

— Canta ou toca sem duvida.

— Tambem não: quando podia aprender alguma cousa, apenas se tocava viola, e eu não quis me dedicar a esse instrumento.

— Vem com destino de jogar o voltar-te, wisth ou écarter?

— Não jogo, meu senhor.

— Então vem aqui unicamente divertir-se à custa alheia? E deu uma grande gargalhada.

E' bem tolo, disse eu a mim mesmo. O su-
geito foi, pareco, dar conta da commissão, e e houve muita risada e muita alegria.

N'este comenos nova contradança se arran-
jou, e como faltava um cavalheiro para uma madama, chegou-se a mim um quidam, que tinha por alfinete de peito uma pasta de metal, e luneta suspensa ao pescoco, e me disse:

— Queremos arranjar uma outra quadrilha, mas falta um par e a exmº senhora D. F., que está prompta a dançar, lhe roga seja seu cavalheiro. Espero que v. s. não se es-
quivará.

Tanta honra! dançar com uma excellencia!